

COMBAT

ARTE, ARTIVISMO E CIDADANIA. UTOPIAS E FUTUROS IMAGINADOS

ART, ARTIVISM AND CITIZENSHIP: UTOPIAS AND IMAGINED FUTURES

PAULA GUERRA (EDS)
RICARDO CAMPOS

COMBAR T2K23

Art, activism and citizenship. Utopias and imagined futures



RESISTÊNCIA, FESTEJOS POPULARES E PASOLINI

RESISTANCE, POPULAR FESTIVALS AND PASOLINI.



Fernanda Moraes

Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), contato@fernandamoraes.net

Nilton Gamba Junior

Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), gambajunior@puc-rio.br

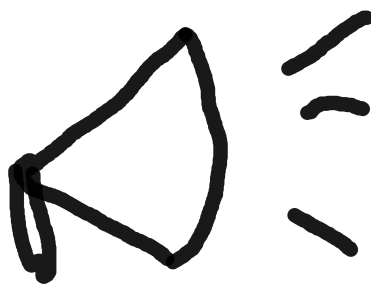
Simone Formiga

Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), simone.formiga@info-link.com.br

Aline Jobim

Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), aline.jobim@gmail.com

DOI: <https://10.21747/978-989-9082-54-0/comba11>



Resumo:

Este artigo pretende apresentar alguns projetos realizados por alunos e alunas do curso de Graduação em Design do Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro no período letivo de 2021.2. A partir do acervo do projeto Motirô – o festejo como testemunho, uma coleção de depoimentos de agentes envolvidos em ritos sagrados e profanos acerca dos desafios impostos pela pandemia da COVID-19, os alunos desenvolveram projetos de design representativos para algumas temáticas encontradas nos registros de acordo com suas escolhas. Um tema perpassa a maioria dos projetos: a resistência. A base teórica da atividade proposta foi a semiologia da realidade, de Pier Paolo Pasolini, que contribuiu com a metodologia de análise empregada pelos alunos e ofereceu subsídios para a elaboração de peças gráficas e artefatos dotados de discursos críticos em relação ao contexto que representam.

PALAVRAS-CHAVE: resistência, semiologia, cultura popular, linguagem visual, design

Abstract:

This article aims to present some projects made by students from the Undergraduate Design course of the Arts & Design Department of the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro during the 2021.2 school year. Based on the Motirô collection - the celebration as testimony, a collection of testimonials from agents involved in sacred and profane rites about the challenges imposed by the COVID-19 pandemic, the students developed representative design projects for some of the themes found in the records according to their choices. A theme runs through most of the projects: resistance. The theoretical basis of the proposed activity was the semiology of reality, by Pier Paolo Pasolini, which contributed to the analysis methodology employed by the students and offered subsidies for the elaboration of graphic pieces and artifacts endowed with critical discourses in relation to the context they represent.

KEYWORDS: resistance, semiology, popular culture, visual language, design.



1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar o desenvolvimento de trabalhos de alunos e alunas do curso de Graduação em Design do Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, executados no período letivo de 2021.2 (agosto a dezembro) na disciplina Linguagem e Comunicação Visual II. Nessa edição do curso, foi realizada uma experiência com a aplicação da teoria da Semiologia da Realidade, de Pier Paolo Pasolini (Pasolini, 1981), no ensino da Comunicação Visual, com enfoque à sua relevância como ferramenta de análise crítica sobre contextos complexos. As aulas, lecionadas pela professora Simone Formiga, com a colaboração de Fernanda Moraes, Aline Jobim e Jocineia Santos como estagiárias em docência, foram realizadas em modalidade remota por conta das restrições impostas pela pandemia da COVID-19. A experiência foi realizada como parte do programa de pesquisa do DHIS – Laboratório de Design de Histórias do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, coordenado pelo Prof. Nilton Gamba Júnior.

Em um contexto de intercessão entre Design, comunicação visual e análise de imagem, a disciplina propõe aos alunos estudos avançados em linguagem visual e análise crítica acerca da leitura de imagens por meio de exercícios de expressividade na comunicação visual e de construção do discurso visual com foco na imagem narrativa, na relação bidimensional com o espaço tridimensional e na sinestesia aplicada à visualidade. Portanto, o desenvolvimento do vocabulário e do raciocínio visual permeiam todo o percurso da disciplina.

A disciplina tem caráter prático e, nesse sentido, a programação das aulas contou com a realização de diversas dinâmicas que objetivavam estimular a prática de análises semiológicas. O intuito era oferecer repertório para que as alunas e os alunos apresentassem, no final do período, um projeto de produto que traduzisse, em sua expressão poética, um tema escolhido, elaborado a partir de suas interpretações pessoais sobre os vídeos do acervo Motirô1 – o festejo como testemunho². Este projeto, realizado pelo DHIS e pelo Museu da Pessoa, em parceria com Universidades e Instituições internacionais que atuaram como agentes multiplicadores, registra e difunde depoimentos de artistas, organizadores, brincantes e comerciantes que trabalham nos ofícios relativos a diversos ritos sagrados e profanos da cultura popular brasileira e ibero-americana, com foco nos desafios particulares do momento histórico de pandemia COVID19.

O projeto Motirô – o festejo como testemunho, portanto, tem por intuito revelar o ato de resistência dos festejos populares quando sua realização foi impossibilitada por conta do impedimento da ocupação dos espaços públicos. Acompanhando o desenvolvimento dos trabalhos das alunas e dos alunos, percebemos que a temática da resistência perpassava a maioria deles, seja retratando os esforços dos agentes culturais para impedir a extinção dos festejos, seja para retratar os esforços das mulheres para conquistarem protagonismo nos ritos, se inserindo como brincantes, organizadoras ou coordenadoras. Assim, as alunas e alunos conseguiram captar o caráter de resistência inerente à manifestação de cultura popular (Didi-Huberman, 2011).

A proposta deste artigo é apresentar o processo de desenvolvimento de cinco trabalhos destacados pela sua qualidade a fim de demonstrar os resultados sobre o uso da teoria da semiologia da realidade, de Pier Paolo Pasolini (Pasolini, 1981), na fundamentação desta disciplina. Partindo dessa base teórica, entende-se a realidade como uma linguagem, e o fazer artístico (e, analogamente, o fazer no Design) como método de decodificação. Nessa perspectiva, entendemos que os trabalhos desenvolvidos pelos alunos compõem o que Pasolini denomina uma linguagem “subjacente” (Pasolini, 1981, p.232), que muito tem a dizer a respeito da resistência, não somente a respeito de seus códigos de representatividade, mas também sobre suas dinâmicas na comunidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este artigo fundamentou-se principalmente nos estudos semiológicos de Pier Paolo Pasolini, principal referencial teórico da tese de doutorado e do laboratório onde se inscreve essa pesquisa. Pasolini busca apresentar um método semiológico para análise de contextos complexos e, para o autor, essa relação dá-se em diversos níveis que se interpenetram, propondo uma análise híbrida e multimodal (Pasolini, 1981). A proposta de apresentar uma análise híbrida emerge como uma Semiologia da Realidade. Neste método, o autor apresenta o conceito de uma linguagem inicial, própria das coisas. Uma linguagem primária chamada de *Ur-signo* (Pasolini, 1981, p.234) que considera o momento vivido de uma determinada experiência. Subsequente a ela, diversas outras camadas levam em consideração o distanciamento do observador, ou receptor, do fato em si e a forma de sua transmissão a outros interlocutores. Chegando ao audiovisual, que será o objeto de trabalho e fonte de conteúdo da disciplina e das dinâmicas de campo descritas neste artigo.

Para chegar a dimensão mimética e diegética do audiovisual, Pasolini usa o *Ur-signo*, um signo primordial, que antes de qualquer mediação técnica, já produz sentidos a partir da experiência de participar do próprio fenômeno. Pasolini vai chamar este primeiro nível de "realidade vivida" e a partir dela concebe vários outros níveis, já como novas formas de experiência.

Essas camadas deslocam a realidade de uma forma sutil por pequenos câmbios no *Ur-signo* até chegar no registro audiovisual – tecnologia de ponta de sua época. Na passagem do *Ur-signo* para o segundo nível, a "realidade observada", o autor descreve as inúmeras perdas (reflexos, reações físicas e emocionais de resposta ao fato, protagonismo) e os ganhos (visão global, linearidade, distanciamento de plano de observação).

Pasolini fará o mesmo em cada nível proposto. E logo depois da realidade observada, surge uma terceira, a realidade imaginada. Fora do contexto do ato, a rememoração dele é uma primeira representação assíncrona. Terminado o fenômeno, tanto o actante como o espectador poderão rememorar-lo. Pasolini, aqui, sugere um diferencial que vai impactar os anteriores com uma marca mais acentuada da edição. É na memória que se edita e se produz releituras, sínteses, exclusões e, de fato, alterações mais profundas. A ponto de o autor chamá-la de 'imaginada', tamanho peso das intervenções subjetivas sobre a memória.

Para descrever essa alteração que vai definir muitas das outras realidades, o autor apresenta essa memória como uma semente da intervenção artística e por isso, a define como "gíria artística" – reelaboração do fenômeno pela recepção – já antes da mídia e da reprodução. Após a rememoração, o autor delimita uma nova camada. Se a memória aciona o fenômeno findo para indivíduos que vivenciaram o mesmo de forma síncrona (o actante e o espectador), uma nova demanda aparece quando é necessário partilhar o fato com outros sujeitos que não viveram a experiência. Surge a primeira das realidades alteritárias, a "realidade encenada" (antes do verbo ou da representação pictórica, a linguagem gestual gerava uma encenação).

Agora ele nos lembra da alteridade como categoria fundamental de um gênero discursivo, a narrativa. O Outro emerge como elemento definitivo nessa vivência de relatar a quem não viveu o fato. Depois, essa experiência vai contaminar de alguma forma mesmo o *Ur-signo*, a especiação ou a reminiscência. Pasolini vai propor que façamos esse mesmo raciocínio com todas as realidades: elas não estão lá de forma estanque. Elas se sobrepõem e se interpenetram.

A partir daí, Pasolini vai propor níveis e realidades reelaborando o que poderia ser apenas uma abordagem de uma técnica ou de uma linguagem. O pictórico ou o fotográfico são nessa análise expressões culturais que evocam questões em particular.

No Dhis, temos colocado essa metodologia de Pasolini em diálogos com novas tecnologias que o autor não conheceu (como a realidade virtual) ou que não abordou especificamente (como a animação). Suas camadas param no cinema e na televisão, as tecnologias de ponta de sua época. A dissertação de mestrado de Luzia Drable (Santos, 2018) e o artigo sobre sustentabilidade comunicacional (Gamba & Sarmento, 2019) levantam a possibilidade de uma realidade pós-editada a partir dos recursos digitais de interferência no audiovisual. A tese de doutorado de Marcelus Gaio (Senna, 2018) propõe uma realidade animada, trazendo questões comunicacionais próprias da linguagem da animação. Em uma disciplina com possibilidades técnicas abertas, a possibilidade de continuidade dos níveis de realidade é fundamental. Os alunos poderiam a partir dos vídeos gerar animações ou conteúdo visual para redes sociais que Pasolini não analisou especificamente, mas cujo método deixa uma abertura para essa atualização cultural.

No âmbito particular da cultura popular, essa semiologia vai possibilitar uma análise de fundo ético e político. Com esses elementos de discussão sobre fenômenos e suas mediações, o autor vai apontar riscos nos processos de globalização ou industrialização de processos culturais. É dessa ameaça que surge o conceito de Sustentabilidade Comunicacional (Gamba & Sarmento, 2019) que dialoga com a responsabilidade social no registro e difusão de ritos da cultura popular. Pasolini chega a denunciar a morte de experiências locais no que vai denominar de genocídio cultural (Pasolini, 1990).

Nesse ponto, entram em diálogo com a obra de Pasolini, dois outros autores, Didi-Huberman (2011) e Walter Benjamin (1987). Ambos contribuem para pensar a cultura popular e seus riscos sociais. É a determinação apocalíptica de morte, que Didi-Huberman vai contrapor ao sentido de intermitência de Walter Benjamin e propor análises que partam da denúncia *pasoliniana*, mas encontrem a esperança de Benjamin. Nessa reflexão, Didi-Huberman acrescenta mais elementos para construir nossos parâmetros de análise, tais como a noção de povo, sua perspectiva coletiva, presencial e de ocupação dos espaços públicos.

A democratização dos meios críticos do pensamento sobre a cultura vai se tornar um item fundamental da preservação da diversidade. Aí que nossos estudos sobre a semiologia da realidade se encontram com as preocupações contemporâneas sobre literacia midiática como habilidade e competência de leitura de cenários complexos no ensino fundamental (Sarmiento, 2019). Para além de uma expertise exclusiva de profissionais da área de comunicação, vamos abordar essa leitura como um pressuposto de equidade democrática.

Em síntese, a elaboração da noção de sustentabilidade comunicacional como um dos aspectos da sustentabilidade social é justo para evidenciar a relevância da produção de sentidos (comunicação) multissensorial para uma lógica ética e responsável para a produção cultural. Para o estudo da linguagem visual no âmbito do Design, que frequentemente se debruça sobre expressões frágeis e potentes, como alerta Pasolini, serão fundamentais essas questões sobre sustentabilidade, literacia e semiologia.

3. ATIVIDADES COMPLEMENTARES

A fim de oferecer subsídios para que os alunos realizassem o projeto final do curso, duas dinâmicas de análise de imagens em torno da temática de festejos populares foram realizadas em sala de aula. Nesses exercícios, os alunos deveriam tentar identificar os festejos representados, onde eles acontecem, como ocorrem os ritos, quem são os brincantes etc. Com esse enunciado, pretendia-se estimular os alunos a buscar informações em diversas camadas de leitura.

A primeira dinâmica teve como corpus de análise fotos fornecidas pelos alunos de seus acervos pessoais, a exemplo das imagens abaixo:



Figura 1. Celebração natalina. **Figura 2.** Carnaval de rua na zona sul do Rio de Janeiro. **Figura 3.** Festa junina em escola infantil. Fotos de acervos pessoais dos alunos

Fonte: os autores

Para a segunda dinâmica, as professoras selecionaram imagens de obras de arte, fotografias de festejos populares ibero-americanos, e ilustrações de literatura infantil dentro da temática em questão para os alunos analisarem, como exemplificam as imagens a seguir:



Figura 4. Festa dos Caretos de Podence, Portugal; **Figura 5.** Festa Dansa de los Diablos, de Juxtlahuaca, México; **Figura 6.** Capa do livro Cavalhadas de Pirenópolis, de Roger Mello; **Figura 7.** Ilustração de Jô de Oliveira; **Figura 8.** A boda camponesa, de Pieter Bruegel

Fonte: Acervo DHIS; Acervo DHIS; MELLO, Roger (2012). Cavalhadas de Pirenópolis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; [www. https://www.obrasildejooliveira.com.br/](https://www.obrasildejooliveira.com.br/); (<https://www.wikiart.org/pt/pieter-bruegel-o-velho/a-boda-camponesa-1568>)

As atividades foram acompanhadas de exposições teóricas sobre análises híbridas e sobre a Semiologia da Realidade a fim de contextualizá-la como método. Os principais métodos de análise de imagem propostos por diversos autores foram revistos, passando por análises de forma, de sentido, de uso, de recepção, de aspectos sociais, histórico, de história da arte, midiológicas e fenomenológicas. O objetivo era demonstrar para os alunos o potencial crítico em análises que combinam diferentes métodos e oferecer um instrumental teórico para o desenvolvimento de seus projetos para a disciplina.

4. PROJETO FINAL

4.1. ENUNCIADO

Para a avaliação final do curso, os alunos deveriam desenvolver um projeto de produto que traduzisse em sua expressão poética as interpretações pessoais sobre as entrevistas do acervo Motirô – o festejo como testemunho. Posteriormente, os produtos foram exibidos na exposição no evento Dexpo1, realizado pelo Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, que teve como tema os 100 anos de nascimento de Zuzu Angel e de Pier Paolo Pasolini, dois personagens que combateram e se opuseram a governos totalitários (no Brasil e na Itália, respectivamente) e foram assassinados pelo fascismo. O evento, que ocorreu remotamente, contou com palestras, debates, exibições de filmes e entrevistas, além da exposição virtual2 de intervenções autorais e de trabalhos desenvolvidos em disciplinas da graduação e da pós-graduação em Design.

Como metodologia de projeto, os alunos deveriam escolher uma entrevista do acervo e apresentar em debate com a turma cinco questões acerca da fala do entrevistado, da entrevista ou do festejo em questão, apontando aquilo que lhe chamou a atenção. Os alunos e as alunas foram estimulados a observar desde o conteúdo da fala até o estilo de discurso, expressões corporais, características do cenário, qualidade da filmagem, emoções, curiosidades etc. Assim conseguiram realizar, ainda que intuitivamente, análises de forma, sentido, uso, recepção, sociais, históricas etc. Dos debates surgiram os temas dos projetos, traduzidos em produtos como cartazes, ilustrações, vídeos, animações, histórias em quadrinhos, acessórios de vestuário e estampas.

4.2. RESULTADOS

Neste artigo, apresentamos cinco trabalhos que se destacaram pela qualidade, evolução e engajamento dos alunos ao longo do processo. O quadro a seguir inclui as questões postas pelos alunos em debate e suas escolhas quanto ao tema:



Aluna ou aluno e entrevista escolhida	Questões apresentadas
Aluna: Giovana Romano Entrevista de Leonardo Augusto Bora, carnavalesco que conta sobre seu percurso nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro e no carnaval da pequena cidade do interior do Paraná, Iratí. Ele fala sobre a necessidade da festa se reinventar frente a situação pandêmica da COVID-19.	[1] como funciona a cadeia produtiva de uma Escola de Samba? Qual é a situação dos trabalhadores? Quais são as dificuldades enfrentadas perante a pandemia?
	[2] a divulgação desproporcional do Carnaval da Sapucaí frente a outras manifestações que raramente ganham visibilidade.
	[3] Asimilaridade entre o processo criativo de Leonardo e metodologias de criação em Design.
	[4] o envolvimento da entrevista com o Carnaval em uma dimensão acadêmica.
TEMA ESCOLHIDO	[5] a percepção de Leonardo sobre o Carnaval como um evento extremamente rico em estímulos sensoriais, cuja complexidade seria impossível de ser experienciada em sua totalidade, mas esse aspecto o levava a querer aproveitar ao máximo cada detalhe.
Aluna: Catarina Silva Entrevista de Kaline Kissia Campos de Sousa, dançarina e cantora, produz repertórios juninos e participa de grupos folclóricos e quadrilhas juninas. Ela valoriza a identidade cultural, pede incentivos governamentais e o ensino do folclore brasileiro nas escolas.	[1] a importância das culturas regionais brasileiras para a construção da identidade do povo.
	[2] o impacto dos festejos e manifestações culturais no turismo e nas economias locais.
	[3] os motivos da desvalorização do folclore em território nacional frente a sua valorização no exterior.
	[4] a importância dos grupos folclóricos para promover o intercâmbio cultural em território nacional e a consequente valorização da cultura e preservação de identidades regionais.
TEMA ESCOLHIDO	[5] os desafios para engajar o envolvimento dos jovens com os festejos.
Aluno: Felipe Metsavaht Entrevistado Gabriel Haddad, carnavalesco niteroiense. Ele fala de sua relação com as Escolas de Samba que vem desde a infância, e relata sua afinidade e preocupação com as sociedades carnavalescas. Ele aborda o contexto da pandemia da COVID-19 de maneira a pensar a ressignificação da festa.	[1] a relevância das escolas de samba na composição das identidades culturais brasileiras, afro-ameríndias e afro-americanas e as causas e efeitos das tentativas de silenciamento sobre essas instituições.
	[2] o desprezo por parte da administração pública do Rio de Janeiro pelos desfiles das escolas de samba motivado por questões pessoais ou religiosas, apesar da lucratividade decorrente da intensa movimentação turística no período de Carnaval.
	[3] a crise que as escolas de samba vivem atualmente na tentativa de migrarem para uma administração privada, em consequência da falta de apoio do poder público, e, com isso, um processo de distanciamento em relação a essência da cultura carnavalesca.
TEMA ESCOLHIDO	[4] a ausência da mídia no espaço da Estrada Intendente Magalhães, onde desfilam as escolas de samba do grupo de acesso, que não conseguiram se classificar para o desfile da Sapucaí, e os entraves para a realização desse festejo.
Aluna: Carolina Esteves entrevista de Anderson "Buda" de Souza, almoxarife e cabeça da Turma Fascinação, um grupo de bate-bolas. O entrevistado conta que desde adolescente estava envolvido com a manifestação, e há 22 anos faz parte da turma que lidera hoje. No início, sua mãe se preocupava com as saídas das turmas, mas depois tornou-se uma apoiadora.	[1] As festas dos bate-bolas geram gastos elevados para as comunidades que as promovem, mas também geram lucros, como as escolas de samba. Por isso a falta de apoio financeiro governamental é injustificável.
	[2] Os bate-boleiros deveriam ser reconhecidos e valorizados como os artistas que são, que encontram em sua cultura e suas rotinas inspiração para criar as fantasias.
	[3] A cultura dos bate-bolas vai muito além do festejo, pois dentro da organização das turmas surgem fortes conexões pessoais e redes de apoio.
	[4] Muitas turmas se organizam para promover ações sociais, como recolher e distribuir alimentos e organizar mutirões de doação de sangue, portanto, as turmas poderiam causar um impacto muito maior de influência positiva sobre a sociedade se tivessem mais visibilidade.
TEMA ESCOLHIDO	[5] É importante reverter o quadro de desinformação da população fluminense a respeito dos bate-bolas, que sustenta uma imagem de perigo, e não de beleza, a respeito das manifestações por conta de abordagens inadequadas por parte da mídia.
Aluna: Ana Carolina Viana Entrevista de Divina Lurján Suarez, que se dedica a criar perucas para espetáculos. Inicialmente se fixou no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde trabalha há mais de 40. Sua carreira levou-a para o mercado do Carnaval, onde cria formas de exercitar sua profissão.	[1] as diferenças entre os processos artísticos para a elaboração de perucas para a apresentação de uma ópera e para o Carnaval, considerando que, no primeiro caso, a peruca deve se adequar aos requisitos do figurinista e ao contexto do espaço-tempo da obra, e, no segundo caso, o contexto do Carnaval oferece maior liberdade para a criação, priorizando a estética e a expressão poética.
	[2] Os requisitos que norteiam a criação das perucas no contexto do Carnaval: estética, brilho, leveza para garantir a mobilidade dos integrantes das alas, baixo custo e facilidade de produção para viabilizar a produção de um grande número de peças, enquanto as perucas para as fantasias de destaque demandam melhor acabamento e uso de pedrarias e plumas.
	[3] O processo de adaptação de uma artista estrangeira para atuar em uma manifestação da cultura popular brasileira e atender aos seus costumes.
TEMA ESCOLHIDO	[4] A liberdade de criação no contexto do Carnaval, que permite o artista estar sempre experimentando novas técnicas e materiais inusitados, de forma que a inovação é muito valorizada.

4.3. DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS

PROJETO 1: GIOVANA ROMANO

A temática do trabalho era a representação do Carnaval como um evento extremamente rico em estímulos sensoriais. Sua proposta era realizar experimentações de representações gráficas para os estímulos visuais e auditivos dos sambas enredos, traduzidos em estímulos visuais e táteis. O título definido por ela foi “Sinestesia carnavalesca”.

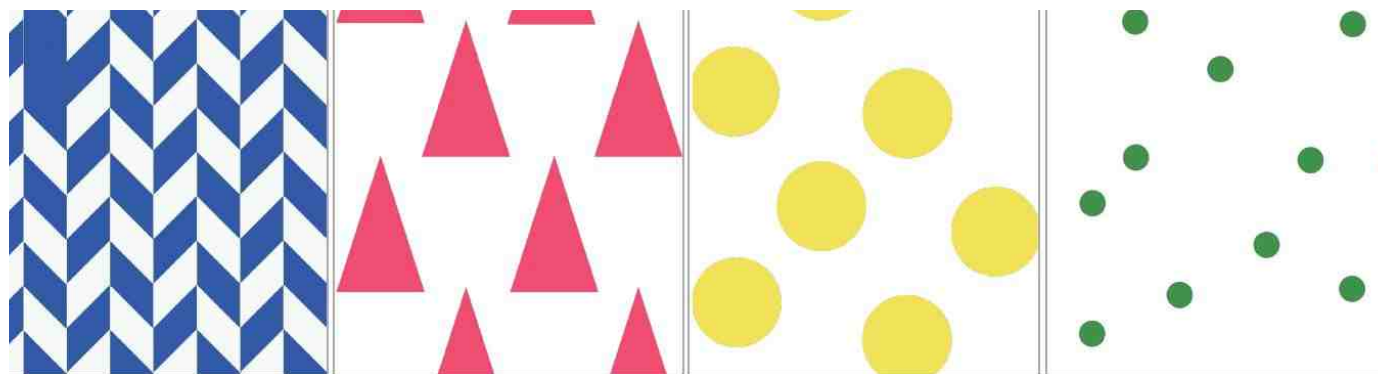
A aluna coletou referências de representações visuais para música. Ela destacou os cartazes da Orquestra Sinfônica de São Paulo, em que imagens abstratas compostas com padrões geométricos representam os ritmos tocados nos instrumentos musicais, e uma peça gráfica com uma composição tipográfica impressa com letras geometrizadas sobre um papel com dobradura que formava uma espécie de padrão geométrico tridimensional.



Figuras 9 e 10. Cartazes da Orquestra Sinfônica de São Paulo **Figura 11.** Dobradura “miúra-ori”.

Fonte: Imagens coletadas do relatório da aluna

A aluna, então, tomou partido dos recursos de repetição, continuidade e sobreposição encontrados nas referências para desenvolver uma representação visual e tátil para o ritmo do samba. Ela criou quatro padrões geométricos com cores diferentes sobre fundo branco. Cada padrão representava o som de um instrumento (surdo, tamborim, pandeiro e triângulo). A saturação das cores remete à alegria do Carnaval e ao colorido dos desfiles, enquanto as formas e seus tamanhos tem relação, segundo a aluna, com sua percepção sobre tons graves ou agudos. Os padrões foram sobrepostos em diferentes combinações, simulando as sobreposições de instrumentos que acontecem na bateria das escolas de samba. A imagem dos quatro padrões sobrepostos foi impressa em papel, que posteriormente recebeu a interferência das dobraduras.



Figuras 12, 13, 14 e 15. Representações visuais criadas por Giovana Romano para surdo, tamborim, pandeiro e triângulo, respectivamente.

Fonte: Imagens coletadas do relatório da aluna.



Figuras 16, 17 e 18. Representações visuais criadas por Giovana Romano para as sobreposições de instrumentos.

Fonte: Imagens coletadas do relatório da aluna.

Como resultado, a aluna apresentou a obra composta pela soma dos padrões geométricos com o padrão tridimensional. A obra desperta múltipla percepções, pois a imagem tridimensionalizada parece se alterar dependendo da iluminação e do ângulo de visão. Assim, ela instiga o observador a refletir sobre a complexidade e a diversidade de camadas que compõe os festejos sem que muitas vezes percebamos suas presenças.



Figuras 19 e 20. Apresentação do projeto realizado por Giovana Romano.

Fonte: Imagens coletadas do relatório da aluna.

PROJETO 2: CATARINA SILVA

Para aumentar o engajamento dos jovens com os festejos juninos, proposta de projeto era criar um vídeo para a plataforma Reels direcionada para o público-alvo de 14 a 18 anos com uma ilustração animada e frases da entrevistada ao som da música Asa Branca. A obra foi intitulada “Um povo sem cultura é um povo sem identidade”, uma citação da entrevistada.

A aluna buscou referências na própria plataforma onde ela pretendia publicar seu vídeo e teve como inspiração a linguagem da artista Tay Cabral, que ilustra figuras humanas com traços realistas, com pouco volume e sem contorno, em vetores. Suas composições geralmente são centralizadas em um personagem estático sobre um cenário de fundo animado. Sobre o personagem surgem pequenas interferências animadas. A aluna também escolheu uma foto da entrevistada como base para a criação de sua ilustração.

Ela experimentou diferentes estilos de traço para a personagem: de estilizações infantis até formas realistas. O desenho escolhido foi colorido digitalmente, com poucas insinuações de volume. Foram feitos testes com fundos animados. O primeiro foi vídeo de uma fogueira de festa junina, o segundo uma composição animada com. Por fim, a solução escolhida foi um fundo animado com uma composição tipográfica que trazia a frase da entrevistada que dá nome à obra, “um povo sem cultura é um povo sem identidade”.



Figura 21. Referência apresentada por Catarina Silva.

Fonte: Imagem coletada do relatório da aluna.



Figuras 22, 23, 24, 25, 26 e 27. Algumas etapas do desenvolvimento do trabalho de Catarina Silva.

Fonte: Imagens coletadas do relatório da aluna.

Finalizando seu processo de experimentações, a aluna animou algumas das flores e detalhes do vestido da personagem, de forma a estabelecer um diálogo entre figura e fundo mais coeso, e ajustou a composição tipográfica.

PROJETO 3: FELIPE METSAVAHT



Figura 28. Apresentação do projeto realizado por Catarina Silva.
Fonte: Imagem coletada do relatório da aluna.

Para chamar a atenção sobre a falta de visibilidade e investimento nas escolas de samba do grupo de acesso, situação que se aprofunda em um ciclo vicioso e dificulta cada vez mais a ascensão para o grupo especial. Felipe escolheu projetar um cartaz em formato A1 (59,4x84,1cm) que seria impresso em risografia sobre papel pólen bold 120g. O cartaz deveria representar graficamente a ideia de ofuscamento, e a obra seria destinada para exposição no Museu do Samba, no Rio de Janeiro. O título da obra é Samba na sombra.

O referencial imagético escolhido por Felipe foram manifestações do concretismo brasileiro: imagens de pinturas abstratas compostas com formas geométricas e exemplos de poesia concreta, em que a construção de sentidos depende também da composição visual.

O desenvolvimento do projeto começou com estudos em esboços a lápis para a representação gráfica de sombra projetada. Felipe experimentou trabalhar com formas geométricas e apenas uma cor, simulando a diferenciação tonal com o uso de retícula no que seria a sombra. Também foram feitas experimentações em relação à projeção da sombra por meio de distorções em sua forma.

Solucionada a ilustração, o aluno buscou uma solução para integrar o texto “samba na sombra” na imagem. Dos estudos feitos com diferentes composições tipografias, dois se destacaram: usar a palavra “sombra” para representar a sombra projetada da palavra “samba”, e utilizar o texto como retícula.



Figura 29. Pintura de Waldemar Cordeiro. Figura 30. Poesia concreta de Ronaldo Azeredo. Figura 31. Poesia concreta de Augusto de Campos.

Fonte: Imagens coletadas do relatório do aluno.



Figuras 32, 33, 34, 35 e 36. Algumas etapas do desenvolvimento do trabalho de Felipe Metsavaht.

Fonte: Imagens coletadas do relatório do aluno.

A solução adotada foi destacar a palavra “samba”, associada a uma forma sólida, com a cor vermelha. A sombra da forma geométrica foi representada com traços paralelos na cor preta, formando uma retícula, e a sombra da palavra “samba” foi representada com a palavra “sombra” composta com a repetição do texto “samba na sombra” em forma de retícula. A hierarquia imposta entre as palavras pela sintaxe adotada denota a existência de um samba subordinado e obscurecido por outro, remetendo à relação entre as escolas de samba do grupo especial e as do grupo de acesso.

PROJETO 4: CAROLINA ESTEVES

A aluna buscou com seu trabalho uma forma de auxiliar a divulgação da manifestação dos Bate-bolas, reestruturar conceitos pré-estabelecidos acerca do festejo e demandar uma divulgação midiática eticamente responsável. Ela projetou uma intervenção urbana com uma série de três cartazes impressos contendo um QR code informativo. Sua intenção era apresentar o tema de forma indireta a fim de despertar interesse e curiosidade. Os cartazes seriam espalhados pela zona sul da cidade do Rio de Janeiro, região economicamente privilegiada, onde não ocorrem manifestações de Bate-bolas e eles são menos conhecidos. Sua obra foi intitulada A voz do Bate-boleiro.

A aluna fez um levantamento iconológico para representar os elementos-chave. Ela coletou imagens icônicas em auto contraste para as ideias de “comunidade” ou “zonas periféricas”, “festejo”, “bate-bola” e “Rio de Janeiro”. Esses elementos foram usados para compor os cartazes juntamente com a informação textual e a tipografia escolhida.

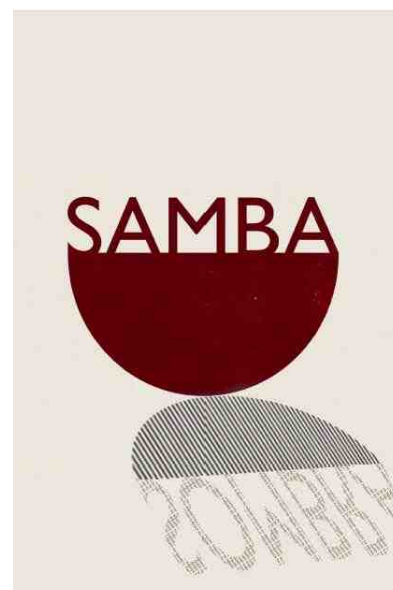


Figura 37. Apresentação do projeto realizado por Felipe Metsavaht.

Fonte: Imagem coletada do relatório do aluno



Figura 38. Coleção de elementos gráficos escolhidos por Carolina Esteves para o desenvolvimento do trabalho.

Fonte: Imagem coletada do relatório da aluna.

Em seguida, a aluna realizou estudos de paleta cromática buscando, a partir de seu imaginário e algumas referências, uma combinação adequada para relacionar com os conceitos de “visibilidade”, “desmistificação” e “protesto”. A paleta tinha como cores principais o magenta e o roxo, além de azul escuro, vinho, branco e preto.

O resultado foi a criação de uma série de três cartazes compostos com uma textura abstrata como imagem de fundo que remete à uma comunidade e, sobre ela, a imagem de um megafone com uma frase de efeito em destaque, o título da campanha, “Carnaval não é só na zona sul”, um QR code e um ícone do Cristo Redentor. Os cartazes apresentam variações cromáticas e diferentes frases em destaque, trechos da fala do entrevistado. São elas: “O poder público não olha”, “Não tem espaço na mídia” e “Falta muito apoio”.

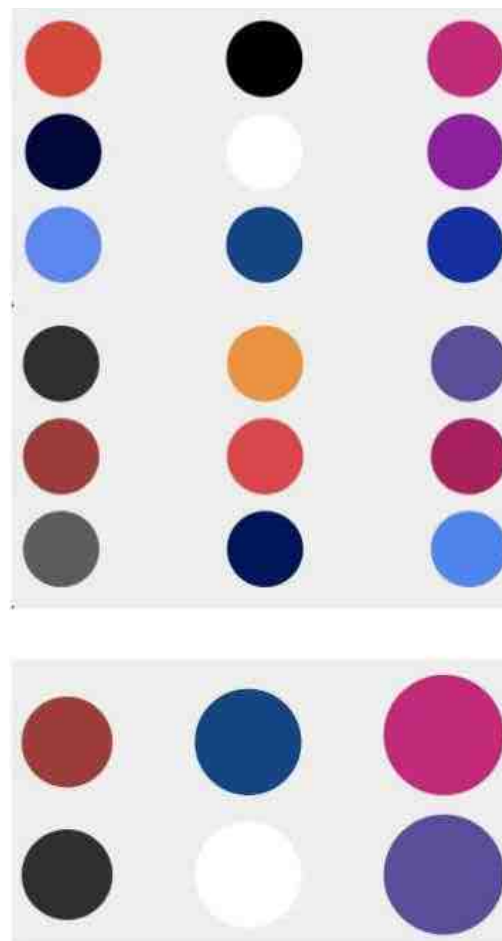


Figura 39. Estudo de paleta cromática realizado por Carolina Esteves.

Fonte: Imagem coletada do relatório da aluna



Figuras 40, 41 e 42. Apresentação do projeto realizado por Carolina Esteves.

Fonte: Imagens coletadas do relatório da aluna

PROJETO 5: ANA CAROLINA VIANNA

A aluna se propôs a explorar as poéticas do Carnaval desenvolvendo três peças de acessórios ou adereços adequados para as condições dos desfiles e brincadeiras de rua, utilizando materiais inusitados, leves e de baixo custo. O título de sua obra é Batendo cabeça.

As peças criadas foram um leque de mão, um enfeite de cabeça e um porta-purpurina com alça. Os adereços foram confeccionados com materiais tipicamente usados em decoração de festas infantis: formas de brigadeiro e embalagens de bala em papel colorido com acabamento metalizado. As formas foram dobradas e coladas umas sobre as outras, formando superfícies com textura de escamas. As franjas das embalagens de bala foram usadas como acabamento. O leque contava com uma alça de elástico para que pudesse ser pendurado no pulso quando não estivesse sendo usado. O adereço de cabeça foi montado sobre um arco de cabeça com estrutura de arame revestido. Ela incluiu ainda pequenos tubos revestidos com papel holográfico para ornar. O porta-purpurina era um pequeno frasco com tampa de rolha preso a uma estrutura montada com alfinetes de fralda que formava uma alça para ser pendurada sobre o ombro. Os alfinetes foram pintados com esmaltes em cores neon e decorados com missangas coloridas.



Figuras 43, 44 e 45. Apresentação do projeto realizado por Ana Carolina Vianna.

Fonte: Imagens coletadas do relatório da aluna.

5. CONCLUSÃO

O conjunto de questões levantadas pela turma mostrou aprofundamento da leitura e complexidade em suas análises sobre as entrevistas. A turma não só reproduziu questões apontadas nas falas dos entrevistados e das entrevistadas, como também cruzaram essas falas com outras percepções e informações. Algumas das questões levantadas não eram afirmações, mas perguntas, inquietações frente a uma realidade apresentada, evidenciando a leitura crítica dos alunos sobre os contextos em foco.

Suas análises abrangeram uma diversidade de aspectos frente aos contextos apresentados. A maior parte das questões levantadas foram relativas a análises sociais, ou seja, àquelas que tratam das relações, conflituosas ou harmônicas, mediadas por interesses individuais ou de grupos, e seus efeitos sobre a comunidade. Surgiram, ainda, análises formais, relativas a características físicas e estéticas; análises de sentido, sobre significados construídos e atribuídos; análises de uso, relativa ao papel ou função de algo na comunidade; análises de recepção, sobre como indivíduos ou grupos reagem frente a um estímulo; análises sobre história social da arte, referentes a estilos e esquemas de representação característicos de culturas específicas; análises midiológicas, sobre a atuação da mídia e seus efeitos; análises sobre aspectos históricos, que levam em conta acontecimentos e transformações relevantes para sociedade; e análises fenomenológicas, acerca das percepções frente aos fatos ou acontecimentos. Notadamente os alunos alcançaram novos olhares e aprofundamento em suas análises.

Nesse sentido, não por acaso a temática da resistência esteve presente em tantos trabalhos. Apesar dos depoimentos do projeto Motirô – o festejo como testemunho serem dedicados a um ato específico de resistência, os desafios para manter os festejos e a cultura vivos apesar dos impedimentos sobre a ocupação dos espaços públicos durante a pandemia, outras formas de resistência foram captadas pelos alunos e alunas, que as traduziram em artefactos expressivos em suas dimensões poéticas e políticas.

De um modo geral, os cinco projetos aqui apresentados expressam os esforços e os desejos dos entrevistados e das entrevistadas pela valorização e reconhecimento das manifestações culturais com as quais se engajam. Giovana Romano expõe a visão de Leonardo Bora em relação à riqueza de detalhes e o valor artístico das produções das escolas de samba; Catarina Silva trata da necessidade do engajamento dos jovens para manter viva as tradições folclóricas; Felipe Metsavaht nos provoca a olhar para as escolas de samba esquecidas pelo poder público, que lutam pela sobrevivência e realização dos desfiles; Carolina Esteves chama a atenção para a cultura dos bate-bolas, tão importante para a cultura das periferias e, ainda assim, marginalizada; e Ana Carolina Viana, que explora o exercício da criatividade mediada por restrições que, se não forem contornadas, comprometem a realização do festejo. Diante da possibilidade de desenvolver trabalhos dentro de uma técnica escolhida pelo aluno, diversos níveis de realidade vieram a tona em forma de esculturas de papel, vídeos digitais para redes sociais, adereços e outros, ampliando o olhar sobre a cultura popular, oferecendo uma visão crítica e responsável do ponto de vista ético e político.

No contexto de uma disciplina do programa de graduação em Design, explorar pedagogicamente a semiologia da realidade se justifica porque ela estimula o fazer como forma de análise crítica sobre a cultura. Enquanto método de análise híbrida, faz com que o sujeito, em sua análise, perpassasse por diversos processos de decodificação e estimula uma postura crítica, contribuindo para conscientização do aluno sobre a sustentabilidade na comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Benjamin, W. (1987). *Magia e técnica, arte e política*. Editora Brasiliense.
- Didi-Huberman, G. (2011). *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Editora UFMG.
- Gamba, N., & Sarmento, P. (2019). Sustentabilidade comunicacional: a realidade pós-editada. *Estudos em Design | Revista (online)*, 27 (1), p. 66.
- Pasolini, P. P. (1981). *Empirismo Hereje*. Assírio e Alvim.
- Pasolini, P. P. (1990). O artigo dos pirilampos. In P. Pasolini (eds.). *Os jovens infelizes, antologia de ensaios corsários*. Editora Brasiliense.
- Sarmiento, P. F. (2019). *Os desenhos animados e a infância: Da classificação indicativa à educação para as mídias*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Brasil.

- Santos, L. G. D. (2018). *Realidade e ficção na direção de arte: Um estudo sobre as obras de Luiz Fernando Carvalho*. 2018. 188f. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Brasil.
- Senna, M. G. (2018). *Animação e Expressionismo: Uma questão de linguagem, gênero e estilo*. 2018. 264f. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Brasil.

INTERNATIONAL CONFERENCE

III COMBART

ARTS, ACTIVISM AND CITIZENSHIP

0 AND 31
MAY 2022

FACULTY OF ARTS AND HUMANITIES
UNIVERSITY OF PORTO-
PORTO, PORTUGAL

organização



F

CSG

OBAS

Q

U. PORTO

Santander

PORTO

CSH

FC





ORGANIZAÇÃO:



APOIO: